
JUVENTUDE, O TEMPO

DAS TRIBOS E AS

TORCIDAS ORGANIZADAS

Glacy Queiros de Roure*

Enquanto escrevia este trabalho, vivia o tempo de mais uma Copa do Mundo. Na rua, carros literalmente recobertos com a bandeira de nosso país, cornetas e apitos serviam para brindar a chegada e a comemoração desse acontecimento. Vestidos com camisetas, pintados ou fantasiados, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pareciam pertencer todos, a uma só tribo. Nenhuma diferença de classe, idade, credo ou etnia parecia ser decisiva naquele momento, unidos pelas imagens e pelos sons produzidos pelos diversos objetos verde-amarelo, comprados especialmente para tal ocasião, faziam todos parte de uma grande torcida organizada. Mas se esse grande encontro ocorria em torno de objetos que de modo simbólico representariam o país, nossa bandeira, por exemplo, de modo aparentemente contraditório, a relação que ali se dava parecia se apresentar como sendo de uma outra natureza. Isto é, sem revelar a preocupação com um projeto político para nosso país, o encontro obtido e a comemoração realizada podia ser remetida ao prazer de estar junto, a intensidade do vivido e ao gozo efêmero ali produzido.

Ver e viver este momento possibilitou-me perceber a complexidade do tema que optei por pesquisar: as torcidas organizadas como espaço de subjetivação e socialização entre os jovens, sua performance e lógica tribal.

Cabe destacar que a investigação de tal problemática já se encontrava em meus planos há algum tempo. Meu encontro cotidiano com jovens participantes de torcidas organizadas, possibilitaram-me observar

ao longo de um bom tempo: a) um apego demasiado ao uso de acessórios - camisetas, bonés, chinelos, botons, etc – com as cores e símbolos do time, que confirmam uma posição de torcedor; b) a importância do corpo uniformizado na composição de uma certa imagem promotora de identificação c) a exaltação e intensificação de laços emocionais e sociais estabelecidos com outros torcedores sob o formato tribal e que parecem funcionar como elemento estruturante; d) uma relação de rede com outras torcidas – por exemplo, as torcidas aliadas - situadas nas mais variadas regiões do país e possibilitadas pela Internet. Além de tais aspectos, causava-me estranhamento o fato de que apesar das identificações realizadas se darem em torno de um time, ou da própria torcida, era possível observar entre estes jovens um forte sentimento de pertencimento a partir do qual eles se agregavam.

Fenômeno que me parece bastante compreensível em um tempo marcado pelo abandono da tradição e no qual o sentimento de pertença próprio a sujeitos que até então se reconheciam como membros de uma comunidade parece ter sido substituído por laços estabelecidos em torno de imagens descartáveis e objetos consumíveis oferecidos por uma cultura globalizante.

Procurando compreender este fenômeno, Bauman (2005, p.30) destaca: “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso”. A questão é que, para Hall (2006), o sujeito contemporâneo vive um momento em que os processos de identificação, a partir dos quais projeta sua identidade cultural, é cada vez mais provisório, variável e problemático. Temos assim uma redefinição da lógica de composição dos laços sociais e de modo conseqüente, do funcionamento identitário produzido em nosso tempo.

É neste contexto que penso ser necessário problematizar as formas de socialização produtoras de vínculos sociais agora marcados pelo nós, o que compreende uma necessidade apresentada pelos jovens de uma identificação produzida “no” e “pelo” grupo. Conforme antecipei logo acima, esse formato de socialização marcado por uma espécie de auto suficiência-grupal é produtora de fortes laços entre os membros do grupo sempre mediados por traços ou objetos utilizados pelos pares como elementos identificatórios. Falo do tempo das tribos, de processos de sociabilidade a partir das trajetórias de formação das redes sociais.

Foi por ter em vista tal problemática que na pesquisa “Agrupamentos e culturas juvenis: espaços de sociabilidade e formação”, interessei-me pela escuta de jovens participantes de duas torcidas organizadas: esquadrão vila novense e força jovem. Para tanto, escolhemos de início jovens vinculados a Escola de Formação da Juventude, projeto de extensão coordenado pela PUCGoiás situado num bairro periférico da cidade de Goiânia e, logo após, outros jovens indicados pelos primeiros .

O JOVEM NA CULTURA

Ao refletir sobre o lugar e o valor do jovem em nossa cultura, penso ser importante considerar que a modernidade é promotora de um ideal que parece se situar acima de qualquer outro valor: o ideal da autonomia e da independência. Um sujeito só será reconhecido como adulto e responsável na medida em que possa se afirmar como independente e autônomo como os adultos dizem que são.. “É nesse sentido que “instigar os jovens a serem independentes é uma peça chave da educação moderna” (CALLIGARIS, 2000, p.17).

Um outro aspecto que pode ser observado em nossa cultura é a idealização da juventude como tempo de ser livre e feliz. E se o jovem se torna uma encenação do ideal cultural básico por que não promove-lo ao estatuto de ideal cultural. De fato, a presença de uma estética jovem faz-nos pensar na existência de um ideal cultural com o qual os adultos passam a se identificar. Todos querem ser adolescentes, todos fazem parte de uma mesma geração.

Mas se pais e filhos gostam das mesmas roupas, tem o mesmo corpo e apresentam os mesmos ideais de consumo, como situar uma diferença? O fato é que misturados aos filhos e capturados pelo ideal jovem, torna-se cada vez mais difícil aos pais responderem a pergunta demandada: O que devo fazer para ser reconhecido como adulto?

Neste contexto, um discurso sobre a importância de ser jovem tem concedido ao corpo um lugar de destaque. A questão torna-se então produzir, no corpo, uma inscrição, ainda que ilusória, que permita ao adulto aceder ao mundo jovem. Freqüentadores de academia, usuários de clínicas de estética, consumidores de anabolizantes, de silicones e de próteses as mais diversas, homens e mulheres, tem como objetivo manterem seus corpos tão jovens e saudáveis quanto os de seus filhos. O problema é que uma vez capturados pela angústia do envelhecimento e pela ilusão de ser jovem os adultos de hoje apresentam uma enorme

dificuldade em fornecer respostas que permitam ao jovem responder ao enigma do que significa ser adulto.

Mas se a passagem para a vida adulta é sempre da ordem de um enigma, e os adultos tem se recusado a fornecer ao jovem condições simbólicas que lhe permita decifra-lo, o tempo dessa passagem torna-se cada vez mais misterioso pois, além de tal recusa, falta ao jovem uma lista estabelecida de provas rituais fornecida por sua comunidade a partir da qual ele possa, com segurança, acender a esse outro patamar considerado como sendo próprio ao adulto.

Sabemos o quanto os ritos de iniciação tendem a facilitar a entrada do jovem no mundo adulto em virtude de sua normas institucionalizadas, cerimônias e rituais. E nesse sentido, quando um grupo humano não regula este momento de passagem ou transição fica muito mais difícil o ingresso nele.

Mas afinal, qual seria a importância dos ritos de iniciação, o que temos a aprender com os estudos antropológicos que se ocupam dos rituais como ritos de passagem?

De forma geral, os antropólogos consideram a iniciação como um rito de passagem que introduz o jovem a sociedade dos seus antepassados. O principal propósito de haver um grande numero de detalhes do ritual consiste em isolar o iniciado durante um certo período do seu antigo grupo – as mulheres e as crianças – para só então introduzi-lo no mundo adulto e ao mesmo tempo, no saber tribal (TUBERT, 1999). Além do mais, as feridas simbólicas presentes nos rituais de iniciação – simulacro de morte e ressurreição – representam uma marca simbólica com a qualidade de um significante que aponta para o jovem uma espécie de inscrição que dá conta da pertinência do sujeito no universo humano, em particular na sua cultura. Com efeito, em numerosos povos, durante os rituais de iniciação , revela-se ao iniciado o que até então era proibido saber.

Mas se essa experiência simbólica – portadora de um saber – produz no iniciado uma nova relação com a existência, sem rituais que simbolicamente possam introduzi-lo no mundo adulto, o jovem se lança numa interrogação contínua quanto ao atributo que deve possuir para introduzir – a si próprio – no mundo adulto .

Penso que o jovem revive nesses momentos a experiência original do desamparo - Hifloosigkeit – experimentado face ao desejo do Outro e cujo teor de excesso poderá vir a produzir experiências de fragmentação. São tais experiências que penso produzir no jovem adolescente tentativas

angustiantes de dar unidade ao corpo – um corpo imagem – marcando, transformando, e recobrando a diferença que o faria um ser de desejo.

Para Calligaris, quando uma sociedade “ não regula claramente este momento de passagem ou transição, quando fracassa na tarefa de preparar emocional e intelectualmente seus membros para assumir funções adultas, pode-se observar que surgem formas equivalentes aos ritos de iniciação, geradas pela estrutura grupal adolescente” (CALLIGARIS, 2000.)

Sem saber ao certo que caminho tomar, o jovem de hoje parece buscar cada vez mais entre seus pares respostas - ritos próprios, quem sabe? - a partir das quais possa ser reconhecido como adulto. Neste contexto, o complicado é saber até que ponto os modos de socialização produzidos em nossa cultura podem ser concebidos como ritos formalizados cuja dimensão simbólica permita ao jovem se haver com os significantes morte, vida e sexualidade.

É por isso mesmo que o estudo e a análise sobre os modos de socialização produzidos por nossos jovens em nossa cultura possibilita-nos refletir sobre a existência (ou não) de possíveis rituais que inscrevam o jovem sujeito, seja de modo simbólico ou de modo “imaginário” (o que não deixa de ser uma questão), em novas condições sociais, de preferência, fora da dependência dos adultos.

A questão é que muitos jovens acabam por substituir este espaço de ensaio imaginário e simbólico que seriam os ritos de iniciação “por praticas rituais sancionadas por seus grupos de pares que irão ter uma dimensão autodestruíativa na medida em que atualizam a angústia diante da imortalidade” (CALLIGARIS, 2000,p. 58).

Vejamos por exemplo, o fenômeno da organização em grupos no interior das tribos. Não tem sido incomum encontramos pelas ruas grupos de adolescentes andando em bandos: dark, punk, rave, clubber etc. e cuja estética é reveladora de uma imagem que se repete. Em relação a composição desses grupos, Calligaris destaca:

Nesses grupos procura-se uma rápida integração com critérios de admissão rápidos, explícitos e praticáveis entre seus pares. É possível que o acesso exige do jovem apenas a composição de uma imagem , um look que todos reconheçam como traço comum.

Já em outros grupos podemos observar a demanda por uma marca duradoura como senha – tatuagem cicatriz, ou um tipo de modificação no corpo ou mesmo um pacto de sangue. A questão é que quanto mais o

comportamento encontrar reconhecimento imediato pelos outros, tanto mais vai se estender, se tornar complexo e se distanciar das normas.. É neste contexto que o reconhecimento que o jovem até então esperava por parte do adulto passa a se dar entre seus pares.

Para Calligaris, um outro elemento deve ser considerado nessa composição:

[..] os jovens gregários transgridem por que se bastarem, ou seja, por se reconhecerem entre pares dispensando os adultos. [...] Quanto mais o comportamento for transgressor, tanto mais fácil será o reconhecimento: a transgressão demonstra afastamento dos adultos, adesão e fidelidade ao grupo. A tribo mais gregária sempre parece mais criminosa uma vez que a infração vale como senha.

Vejamos, por exemplo, como a violência tem sido considerada como um traço que se repete no modo de funcionamento apresentado pelas torcidas organizadas. Mas antes de problematizarmos o tipo de laço e de identificação estabelecidos entre esses jovens que acreditamos apresentar uma lógica tribal, vale a pena pensarmos nos elementos que compõem uma lógica grupal de natureza tribal.

MICHEL MAFESSOLI E “O TEMPO DAS TRIBOS”.

Em sua obra *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades das massas* (2006) Mafessoli nos oferece uma brilhante reflexão para pensarmos, ainda que pelo seu avesso, o papel e o valor das tribos – segundo ele neotribalismo - em nosso tempo. Eu o cito:

Não podemos deixar de assinalar a eflorescência do neotribalismo que, sob diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (MAFESSOLI, 2006, p. 130)

Procurando apreender a lógica interna, a essência íntima do fenômeno das tribos Mafessoli ressalta algumas de suas características: fluidez, dispersão e ajuntamentos pontuais. Condensações que apesar de frágeis revelam-se como objetos de forte envolvimento emocional.

Para esse autor, o estudo das tribos possibilita-nos pensar a passagem de uma ordem política, sustentado pelo conceito de indivíduo a ordem da fusão sustentada pela massa ou tribo. E quanto a essa fusão, esta pode se realizar sem o diálogo e a troca, agora substituídos por uma acentuada dimensão afetiva e sensível.

Ainda segundo Mafessoli, o tribalismo é não apenas um fenômeno cultural, mas uma nova forma social reveladora de um tempo em que o individualismo declina. Para tanto, destaca a importância da moda, do instinto de imitação, das histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, estudantis, religiosos e esportivos.

O que é certo é que não é mais a partir de um indivíduo, poderoso e solitário, fundamento do contrato social, da cidadania desejada ou da democracia representativa que defende como tal, que se faz a vida em sociedade. Esta é, antes de tudo, emocional, fusional, gregária. Gregarismo que não deixa de ser chocante, mas que convém ser pensado. [...] pode-se dizer que o indivíduo e o Individualismo teórico que lhe serve de suporte teórico não são mais aceitos. (MAFESSOLI, 2006, p. 14-5)

A constituição das tribos, sua composição ao lado da existência de uma sensação coletiva vamos assistir ao desenvolvimento de uma lógica da rede. Esse relacionismo, para Mafessoli (2006, p. 13), pode se traduzir, de modo trivial, pelo ombro a ombro de indivíduos e grupos.

[...] as diferenças doutrinárias são sutis, até mesmo inexistentes. Só importam os problemas da pessoa, a fidelidade ao líder. É isso que situa um sentimento de pertencimento, abrindo caminho aos postos cobiçados. Pouco importa se o chefe é carismático ou, ao contrário, banal. Para retomar uma expressão trivial, “somos dele”, ponto final. Quer dizer que pertencemos a ele e que suas ordens serão seguidas em todos os pontos.

Neste contexto, a busca de singularidade pessoal é substituída pela adoção de uma identidade coletiva pré-fabricada nos grupos andarilhos cada vez mais numerosos

Quer dizer: as “tribos” das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia dispendida para a constituição do grupo como tal.

Mas se Mafessol, assinala o fenômeno das tribos como espaço de encontro, vejamos como Freud pensa a constituição libidinal dos grupos considerando os processos de identificação aí existentes. Em *Psicologia do grupo e análise do eu*, trabalho em que Freud se detém em analisar os processos identificatórios próprios de um sujeito, ele destaca:

Cada individuo é uma parte componente de numerosos grupos, achase ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do eu segundo os modelos mais variados. Cada individuo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais - as de suas raça, classe, credo, nacionalidade etc. _podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade (FREUD, 1921, p. 163).

Ainda neste trabalho, Freud propõe uma análise para uma composição grupal onde os indivíduos identificados entre si não fizeram uso de suas “aquisições individuais”: “Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego.”

Nestes casos, os vínculos são mesmo intensos conforme aponta Mafessoli, mas ao contrario do que esse afirma, para Freud (1921, p. 149):

[...] os intensos vínculos emocionais que observamos nos grupos, são inteiramente suficientes para explicar uma de suas características: a falta de independência e iniciativa de seus membros, a semelhança nas reações de todos eles, sua redução ,por assim dizer, ao nível de indivíduos grupais.

Ele continua:

[...] a fraqueza de capacidade intelectual, a falta de controle emocional, a incapacidade de moderação ou adiamento, a inclinação a exceder a todos os limites na expressão da emoção e descarregá-lo completamente sob a forma de ação”,

são características de sujeitos que abandonam seu ideal do eu, e o substituem pelo ideal do grupo. Tem-se, nesses casos, a exigência da igualdade entre seus membros.

Não nos esqueçamos contudo, de que a exigência de igualdade num grupo aplica-se apenas aos membros e não ao líder. Todos os membros devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dirigidos por uma só pessoa. Muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada, superior a todos eles: essa é a situação que vemos realizada nos grupos capazes de subsistir (FREUD, 1921, p. 154).

Para darmos continuidade a tal reflexão, vale a pena recorrermos a obra de Lacan e tomarmos como referência o texto *O estádio do espelho, como fundador da função do eu como nos é revelada na experiência psicanalítica* ([1946], 1998) no qual, segundo Lacan, é face ao espelho, como um outro, que o sujeito e se vê, se observa e se reconhece pela primeira vez, instaurando nesse momento um processo contínuo de desconhecimento quanto a verdade de seu ser e de alienação à imagem que irá fazer de si mesmo.

É importante destacar que a metáfora do espelho é utilizada por Lacan para assinalar o poder formativo da imagem e a estruturação inicial do psiquismo. Com efeito, a expressão “estádio do espelho” foi elaborada para explicar o processo de constituição do “eu” diante de uma imagem articulando-o ao conceito de narcicismo operado por Freud. Momento compreendido como uma identificação, uma transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Será na relação do sujeito consigo mesmo como um outro mediante uma imagem que encontraremos a razão de sua constituição.

O estádio do espelho, representa o momento de uma primeira reação narcisista do sujeito consigo mesmo, que se revela irremediavelmente, e para sempre, marcada pelo outro. Um momento de constituição e alienação, portanto fundamental na constituição de um determinado tipo de desenvolvimento no eu. Lacan denomina este tipo de reação como imaginária, na busca de “si” o sujeito encontra apenas a imagem do outro com o qual se identifica e se aliena. É o outro que está de posse de sua imagem, já que percebe seu próprio corpo na imagem do outro., identificação alienante, produtora de tensão (ROZA, p. 3)

Isto posto, o que dizer de um grupo cuja manutenção se dá pelos iguais, conforme afirmou Freud em *Psicologia das massas* e análise do ego? Nestes casos, ao contrario de uma identificação mediada pela linguagem, temos uma identificação narcisica mediada pela imagem, de natureza puramente especular. Aqui o Eu, já não se revela como fonte de desconhecimento, conforme salientou Lacan no estádio do espelho.

Temos nesse momento um Eu que permanece alienado ao outro como si mesmo, ou a si mesmo como outro. Funcionamento que nos permite pensar na presença de um narcisismo primário, segundo o qual a imagem do próprio corpo continua se sustentando na imagem do outro. Cito Lacan: “O sujeito se identifica em seu sentimento de si com a imagem do outro, e a imagem do outro capturará nele este sentimento que tem de seu corpo.”

Mas o que tudo isso tem haver com a tribo que nos propomos estudar: as torcidas organizadas ? Lembremos que o que afirma Mafessoli em relação ao fenômeno tribal: :

[...] esses ritos de massa tribais (ritos de massa e ritos tribais) são perceptíveis nos diversos ajuntamentos esportivos , que, pelo viés do processo mediático, assumem a importância que todos conhecem. Vamos encontra-lo na fúria consumista (consumatória) das grandes lojas de departamento, dos hipermercados, dos centros comerciais que, é e certo vendem produtos,mas ates de tudo destilam simbolismo, quer dizer, a impressão de pertencer a uma espécie comum.

Mas vejamos o que dizem nossos entrevistados:

A amor que a pessoa sente pela torcida [...] Tenho calça, boné,pulseira e agora vou mandá fazê minha bandeira. [...] Quando você está sem uniforme você parece que não parece que está faltando uma parte de você mesmo [...] parece que eu deixei você não tem a mesma alegria você grita e parece que todo mundo uniformizado e vamos lá timão,se grita mesmo se tiver sujo eu vou com o uniforme [...]

Conforme é possível observar os objetos adquiridos pelos torcedores não podem ser considerados apenas como objetos de consumo, mercadorias a serem adquiridas, uma vez que eles são necessários ao modo de identificação que se estabelece com o grupo de pares. Ou seja, além de incluir o jovem como partícipe dessa sociedade de mercado, fornece a este possibilidade de reconhecimento e possibilidade de nomeação diante do grupo. No texto, “Perspectivas da juventude na sociedade de mercado” (2004, p. 80), Jurandir Freire destaca que na sociedade de mercado e do consumo, esses objetos

funcionam como meio de realização pessoal e marca do sucesso: “Os objetos de consumo agregam valor social a seus portadores. Eles são o crachá que identifica o vencedor em qualquer lugar, situação ou momento de vida”.

No enunciado seguinte podemos observar a importância do reconhecimento:

O grupo é que nem uma família, que nem uma família que você tem em casa, você pode sempre confiar nas pessoas que tá ao seu redor lá dentro na torcida Só que assim, se você não for com a cara de uma pessoa, que nem eu mesmo que não vou com a cara de alguns, você pode se afasta dele mas pelo menos passa: “E aí ,como é que ta indo seu setor lá,ta firme lá?” Tem que tá sempre perguntando né. Se você é duma torcida que tem muitos membros lá que você não gosta lá ,mesmo assim você tem que conversa, a diferença tem que acaba lá.

E se o reconhecimento da diferença implica no reconhecimento do outro

Lá dentro lá não há diferenças, lá dentro não tem nenhuma diferença,nem uma diferença nem nada, você tá doente você é negro, você é branco, você é grande, você é baixo, você tem o dente podre, você não tem, lá dentro é isso né. Você, você é considerado do mesmo jeito que as outra pessoa é, você é considerado do mesmo jeito que o coordenador do esquadrão é, ele tá lá só pra coordena uma coisa, só que você tá lá pra torce, tipo assim,você manda mais do que ele.

Mas se a diferença é apagada no interior do grupo, ela então é transferida para o outro.

O esquadrão mostra que a diferença, não há diferença dentro da torcida mas sim do lado de fora da torcida há. Que nem dos força, há diferença deles contra agente.Tem algumas coisa que a gente faz e que a gente tenta jogá pro lado deles né, que nem aquele filme Tropa de Elite. Por exemplo, eu matei uma pessoa aí eu vou tenta joga a culpa no cara da força: “Ele é força jovem,ele quis caça brigam comigo,não sei o que ”. Tem sempre que limpá sua barra.

Mas se tal funcionamento coloca o sujeito em estado de pura dependência face ao outro uma vez que “o narcisismo primário define um ser inteiramente entregue ao outro e submetido ao acontecimento”, ele também se evidencia como a própria fonte do racismo: “ De fato, a fonte do racismo vem da fascinação primordial de cada um pelo seu semelhante: visão captadora da Gestalt do corpo do outro como espelho. [...] esta visão exclui o estrangeiro, aquele com quem eu não posso me identificar: ele quebraria meu espelho. “ (JULIEN, p. 15)

Ninguém dá conta de explica, é... é só na hora, na hora vc sente assim, dá aquela ansia, aquela ganância de quere faze outras vezes, aí vc vai lá no impulso e faz [...] O pior, mata a pessoa estupra elas, acaba com a pessoa todinha. Para gente é a mesma coisa de vc está em casa e tenta alguém invadi sua casa prá rou-bá. É a mesma coisa Então a torcida pra nos é uma casa, uma família que tem lá.

Para finalizar, se as análises até então realizadas não nos permitem dar conta da complexidade do fenômeno tribal, assinalado por Mafessoli podemos, pelo menos, colocar em suspensão a sua afirmação de que uma sociabilidade (socialidade, para Mafessoli) caracterizada pelo nós, com características tribais estariam determinadas por um tempo em que o individualismo declina. Podemos ainda problematizar as relações de especularidade e agressividade produzidas nesse tipo de funcionamento e dos seus efeitos na socialização dos jovens.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- CALLIGARIS, Contardo. *A ADOLESCÊNCIA*. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha Explica).
- COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Obras Completas).
- JULIEN, Philippe.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

TUBERT, Silvia. O enigma da adolescência: enunciação e crise narcísica. O adolescente e a modernidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROSA, Garcia.

ROURE, Glacy Q. Estranha angústia adolescente. In: ARAÚJO LEITE, N. V. *Corpolinguagem - angústia: o afeto que não engana*. Mercado de Letras, 2009.

* Doutora em Linguística, Professora Titular do Departamento de Educação e do programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás.
E-mail: glacyy@terra.com.br